

Allende, Berlinguer e a esquerda hoje

Por [Luiz Sérgio Henriques](#)

Tradutor e ensaísta, é coeditor das ‘Obras’ de Gramsci no Brasil

O Estado de S. Paulo 23/11/2025

Na tradição da esquerda – como mostram Allende e Berlinguer – há um repertório alternativo a ser ‘aggiornato’ e requalificado

Um *reel* do escritor chileno Roberto Bolaño Ávalos, que circula nas redes, evoca comovidamente Salvador Allende e a tragédia do golpe de 1973. De modo contundente, Bolaño descreve a desilusão inicial dos jovens de então, que em vão esperavam as armas negadas pelo presidente em vias de ser deposto e morto. Allende aparecia como um conservador, capaz de cometer quase uma traição, fugindo à luta no momento decisivo. Sua imagem, no entanto, ao longo do tempo, iria se agigantar, ao evitar os horrores da guerra civil e poupar do aniquilamento toda uma geração ou a maior parte dela. É que a derrota de Allende e da Unidade Popular, naquele Chile tão distante, já estava definida pela política, não pelas armas, como se deduz das palavras de Bolaño.

Essa lição essencial seria apreendida em contexto diferente por outro político de exceção, o italiano Enrico Berlinguer. A ideia – recorrentemente frustrada – de chegar ao socialismo por método democrático, e não pela violência, também aquecia a imaginação da esquerda reunida em torno do Partido Comunista Italiano (PCI), na época o mais influente partido comunista do Ocidente. Nos dois países, a estrutura partidária se parecia: o centro ou a centro-direita estava ocupado por um partido de mesma denominação, a Democracia Cristã. E, sem um forte compromisso com as duas DCs, aquela ideia não se realizaria ou até se arruinaria dramaticamente, como no Chile.

Nem sempre sabemos bem como as concepções se formam e se difundem, mas aqui temos uma pista. Na social-democracia clássica, a transformação pacífica e a adesão à regra democrática era já uma conquista secular. Entre socialistas e comunistas, no entanto, é bem possível afirmar que, a partir de Allende e Berlinguer, algumas novidades se impuseram de modo permanente, a saber, a recusa programática da violência política e a busca de alianças ao centro, como garantia de mudanças gradativas, consensuais e pactuadas.

Exemplar, neste sentido, enquanto pôde dar frutos, o percurso chileno pós-ditadura pinochetista. A palavra *concertación* teve em si mais de um aspecto daquele *compromesso storico* proposto pelo PCI, que nos anos 1970 faria circular o lema alvissareiro da “democracia (política) como valor universal” – de resto, mais atual do que nunca. Não importa que, na Itália, a hipótese berlingueriana de mudança tenha malogrado ou que, no Chile, a partir da segunda década do século 21, a [ITALIC]concertación[/ITALIC] tenha se esvaziado, com o enfraquecimento do centro representado especialmente pelos democratas-cristãos e socialistas. As realidades do novo século têm sido inesperadas, mas, ainda assim, impõem o reexame do caminho percorrido e a reconsideração dos fios dispersos.

De fato, os dois países foram varridos pelos maus ventos da extrema direita. A Itália, desde Silvio Berlusconi, conheceu a desestruturação do sistema de partidos do pós-guerra, com o surgimento do desafio populista que afronta audaciosamente as democracias ocidentais. Não seria exagerado ver em Berlusconi, político sem escrúpulos e desenvolto homem de negócios, a figura precursora de líderes desconcertantes, como o próprio Donald Trump. O esvaziamento da *concertación* não se mede pelo fato de por duas vezes ter cedido a

presidência a um personagem da direita tradicional, como Sebastián Piñera – a alternância, afinal, é um dado constitutivo da política democrática.

A questão chilena reside na presente dificuldade de estabelecer o necessário cordão sanitário em torno das forças disruptivas da extrema direita. Tradicional país de “três terços” – conservadores, centristas e progressistas, em condições de equilíbrio –, o Chile de agora vê uma direita autoritária no comando de toda a direita, o declínio do centro quase até o desaparecimento da DC, bem como uma esquerda dividida, em busca de identidade, mas por certo minoritária. Bem verdade que aos poucos, e com dificuldades, essa esquerda tem superado as veleidades “refundacionais” nascidas do *estallido social* de outubro de 2019. É significativo o fato de que dela tenha surgido Gabriel Boric, um dos personagens marcantes da esquerda latino-americana. Egresso do movimento social, que carregava extremismo em suas franjas, Boric rapidamente se credenciaria como um social-democrata de novo tipo, atento aos direitos humanos e, por isso, crítico coerente de regimes autoritários, inclusive de esquerda.

Deixando de lado as vicissitudes de governo, não por último o impacto do colapso venezuelano e o fluxo de imigrantes em desespero, esse é o legado que cumpre valorizar no ciclo eleitoral chileno e mesmo depois. O *Zeitgeist* está marcado por uma “direita plebeia”, capaz de manipular o medo e conquistar maiorias à base de ódio e ressentimento. Como tantas vezes já aconteceu, a miragem do homem forte parece seduzir a massa de indivíduos desconectados, atropelando violentamente as formas da política. Na tradição da esquerda – como mostram Allende e Berlinguer – há um repertório alternativo a ser *aggiornato* e requalificado. Não é possível ir adiante só com o tal repertório – ainda mais difícil, porém, é ignorá-lo.